

O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS E AS QUESTÕES DE GÊNERO NAS CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

Coordenadora: Suani Pinho (UFBA)

Membros: Débora Menezes (UFSC), Walcy Santos (UFRJ),
Vanderlan Bolzani (UNESP), Sandra Malta (LNCC)

A diversidade nas comunidades científicas é uma questão relevante que tem sido abordada em todo o mundo, inclusive no Brasil. No mundo atual em que 50% da população mundial é feminina, apenas 30% das mulheres conseguem fazer parte do universo científico até hoje dominado por homens. Nas áreas das ciências exatas e da terra, uma análise preliminar de dados, associada à própria observação, evidencia a assimetria de gênero, motivando discussões sobre o tema bem como ações no sentido de reverter este quadro. No Brasil, as associações científicas destas áreas tem se organizado através da constituição, seja de comissões temáticas seja de grupos de trabalho ou núcleos, para se dedicar às questões de gênero.

Nesta mesa redonda, buscamos reunir representantes das associações científicas das áreas de ciências exatas com vistas a apresentar os trabalhos que tem sido realizados a fim estimular a equidade de gênero. Pretende-se com isto estabelecer compartilhamento de experiências tendo em vista fortalecer o movimento de ampliação da participação de mulheres nas ciências exatas em nível da organização das associações científicas. Além de representantes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e das Sociedades Brasileiras de Física (SBF), de Química (SBQ) e de Matemática (SBM), contamos ainda com a representante da Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC).

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) chega aos seus 71 anos de existência com grandes ações e acontecimentos em prol da educação, da ciência e das questões relacionadas às políticas educacionais e científicas no país. No entanto, a questão de gênero ainda necessita de um olhar especial; constata-se que apenas 3 mulheres chegaram a presidência da SBPC nestes 71 anos e, mais genericamente poucas mulheres cientistas estão em cargos destacados no ambiente acadêmico, empresarial e político. O portal Ciência & Mulher da SBPC é um meio importante de incentivo ao debate sobre a questão de gênero; é um espaço voltado para as conquistas e descobertas de mulheres das diversas áreas da ciência. De fevereiro a março do corrente ano, o total de visitantes foi de 4543 no período, três vezes maior que no período anterior (1451). Outra ação importante na questão de gênero realizada na gestão atual foi a criação do Simpósio “SBPC Mulheres e Meninas na Ciência” que deverá se repetir anualmente a fim de discutir temas relevantes sobre o papel das mulheres na ciência e ações que possam incentivar as meninas a seguirem carreiras acadêmicas. O lançamento do

prêmio “*Carolina Bori Ciência & Mulher*”, o primeiro prêmio criado pela SBPC para homenagear cientistas brasileiras de destaque, que leva o nome da primeira presidente mulher da SBPC, é outra ação que merece destaque nestes 71 anos de atividades da sociedade.

A Sociedade Brasileira de Química (SBQ), após 42 anos de sua criação, no ano de 2019, cria o Núcleo de Mulheres SBQ, visando fomentar cada vez mais o debate sobre a participação da mulher na ciência. Levantamento de dados da base Lattes CNPq sobre mulheres químicas realizado em 2017 exhibe alguns dados que merecem uma base de reflexão. O percentual feminino de doutores em Química que atuam em pesquisa é de 47,5% percentual bastante significativo da liderança feminina na ciência nacional, corroborando os dados em âmbito mundial; em contraponto aos dados sobre doutores nas Ciências Exatas e da Terra, cujo percentual feminino corresponde a 32,2%, mostrando um declínio bastante significativo para as “chamadas ciências duras”. Com relação ao percentual de mestres atuando em Pesquisa e Ensino, os dados são semelhantes ao nível de doutorado: enquanto na área de Química, o percentual de mulheres mestres é de 53,2%, em Ciências Exatas e da Terra, tal percentual cai para 34,3%, reforçando o número de homens nas ditas “*ciências duras*.” Ainda analisando os dados CNPq sobre a questão de gênero na ciência, o percentual feminino de bolsistas de Produtividade em Pesquisa é de 29,6%; com relação as áreas da química, mesmo com os ganhos significativos no equilíbrio de gênero, o percentual de mulheres bolsistas é menor que 35%. As bolsistas PQ nas sub-áreas da Química contabilizam: Físico-Química 25,1%, Química Analítica 29,6%, Química Orgânica 29,6% e Química Inorgânica 34,6%. Ascensão na carreira também é um dado de reflexão em todas as áreas, mas nas Ciências Exatas e da Terra o distanciamento é ainda mais evidente entre homens e mulheres; apenas 11.1% dos bolsistas no nível mais alto, nível 1A, são pesquisadoras. As mulheres são também minoria na Academia Brasileira de ciência (ABC) que, mesmo com uma campanha de incentivo à indicação de mulheres para o processo eleitoral de entrada, o percentual de mulheres ainda não chega a 20%. A fim de fomentar a multiplicação de referências femininas na área de Química, em 2019 a SBQ criou o *Prêmio SBQ Vanderlan da Silva Bolzani* para homenagear mulheres cientistas destacadas na área e/ou que contribuíram para sua consolidação e/ou da SBQ.

A Sociedade Brasileira de Física (SBF) foi criada na XVIII Reunião Anual da SBPC em 1966; até os dias de hoje apenas duas mulheres assumiram o cargo de vice-presidente, tendo uma delas assumido a presidência. Em 2003, foi criada a Comissão de Relações de Gênero (CRG) da SBF que atuou até 2015. Desde a sua criação, diversas ações foram promovidas no sentido de discutir questões que vão desde a necessidade de atrair mais meninas para as áreas de ciências exatas, em particular para a Física, até as dificuldades em conciliar a carreira científica e a família. A CRG promoveu duas *Conferências de Mulheres na Física* em 2013 e em 2015, em que várias destes temas foram discutidos. Foi também organizado e publicado em 2016 um livro intitulado “*Mulheres na Física: casos históricos, panorama e perspectivas*” que reúne capítulos sobre as trajetórias de mulheres da história

universal da Física e da Física Brasileira, além de reunir e analisar dados sobre a participação feminina da Física no Brasil. Em 2015, foi criado o Grupo de Trabalho sobre Questões de Gênero que tem se dedicado com afinco ao levantamento e análise de vários dados sobre a situação das mulheres físicas e aspirantes a física no Brasil, os quais serão apresentados na mesa-redonda, e que se coadunam com a redução acima apresentada entre a área de Química e das ditas ciências duras nas quais a Física está incluída. Algumas das conclusões mais impactantes referem-se à existência de um efeito tesoura que as alija de posições de destaque e de poder, ao expressivo assédio moral que sofrem e à opção de abrirem mão da maternidade por causa da carreira. Cabe ressaltar que, de 57 áreas pesquisadas, a física é a terceira área com maior desigualdade de gênero no mundo; em 1999, a *International Union of Pure and Applied Physics* (IUPAP) criou o grupo de trabalho *Women in Physics* cujo objetivo é examinar e atuar para reverter este quadro; diversas conferências internacionais ocorreram desde 2002, tendo o Brasil sediado a segunda conferência internacional em 2005. Vale ressaltar que em 2017, a SBF, com apoio do grupo de trabalho, criou o *Prêmio Carolina Nemes* - em homenagem à atuante física da UFMG, que faleceu precocemente aos 60 anos - conferido a mulheres físicas em início da carreira, cujo trabalho de pesquisa tenha contribuído significativamente para o avanço da física ou do ensino de física no país.

A Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) completa 50 anos neste mês e ao longo de sua história apenas duas mulheres assumiram o cargo de presidente da Sociedade. As questões de gênero e a baixa representatividade das mulheres em posição de destaque na nossa área tem sido discutido pelo Conselho Diretor e várias ações foram tomadas como a criação uma Comissão para apresentar iniciativas no sentido de diminuir essa desigualdade, discussão de várias questões relacionadas como assédio, a maternidade e sua influência no desenvolvimento da carreira, estímulo de jovens com vistas a entrar na carreira, etc. A área está realizando muitos eventos focados na questão do gênero, como o Ciclo de palestras Matemática substantivo Feminino, criação de Olimpíadas exclusivamente para meninas e o Encontro Brasileiro de Mulheres Matemáticas. Nesta mesa redonda apresentaremos algumas estatísticas que demonstram o enorme efeito tesoura na carreira das matemáticas, assim como observada na carreira das físicas, indicando a redução da participação feminina na medida em que avançam nas carreiras, bem como as ações que a SBM vem tomando para diminuir esse abismo. Mais voltada para as aplicações da Matemática nas áreas científicas, tecnológicas e industriais, a Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC), criada em 1979, conta com a participação feminina na sua Diretoria desde 1981; somente no período de 1999-2001 uma mulher ocupou a presidência da SBMAC. A proporção feminina nas 4 últimas edições do Congresso Nacional de Matemática Aplicada e Computacional (CNMAC) se mantém em 40% do total de participantes; neste evento tem se mantido como prática um espaço destinado aos filhos dos participantes do evento, como forma de garantir maior participação principalmente feminina. Com o objetivo principal de incentivar a participação das mulheres na SBMAC foi criado em 2018 o comitê temático “Mulheres na Matemática Aplicada e Computacional”; trata-

se pois de um grupo “novo” na discussão de gênero, cuja mobilização vem no intuito de contribuir para que as mulheres tenham ainda mais visibilidade e participação na comunidade acadêmica.

A Reunião Anual da SBPC constitui o ambiente propício de agregação das associações científicas e a integração das suas representações de gênero pode fortalecer ações conjuntas, junto às instâncias governamentais e aos órgãos financiadores da pesquisa no sentido de fortalecer ações essenciais à diversidade na ciência. Tais ações vão desde a promoção de editais específicos para estimular o ingresso de meninas em cursos das áreas de ciências exatas e tecnológicas, a exemplo do Edital Chamada Nº 18/2013 MCTI/CNPq/SPM-PR/Petrobras - Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação, até a extensão de direitos fundamentais para a permanência de mulheres nas carreiras científicas, tais como, a extensão já conquistada do período das bolsas do CNPQ e CAPES para mulheres que assumem a maternidade no período de vigência de bolsas.

O gênero no cenário global da pesquisa aponta que o Brasil vem alcançando melhores resultados quanto à paridade no universo de pesquisadores, com metade de pesquisadoras. No entanto, ainda há muito a ser alcançado em relação à ascensão como cientistas e gestoras. Embora as mulheres estejam razoavelmente bem representadas na Química, elas são uma grande minoria nas demais áreas das ciências exatas. Ações promovidas pelas associações científicas que aumentam a participação das mulheres, nas áreas em que são minoria, poderão auxiliar a reduzir a assimetria. Homens e mulheres podem e devem contribuir para minimizar a discriminação, o confronto e percepções culturais errôneas sobre a questão de gênero. Minimizar a diferença de gênero na ciência é uma meta a ser alcançada na transição para um mundo sustentável onde homens e mulheres sejam atores de igual importância para a sustentabilidade do planeta e futuras gerações. Venham discutir conosco formas de atingir esta meta!

PS: Debora Menezes é coordenadora do grupo de trabalho sobre Relações de Gênero da SBF; Walcy Santos é membro da diretoria da SBM; Vanderlan Bolzani é vice-presidente da SBPC, tendo sido presidente da SBQ; Sandra Malta é Representante do Comitê Temático de Mulheres na SBMAC; Suani Pinho é membro do Conselho da SBF, tendo sido membro da Comissão de Relações de Gênero da SBF.